

FOLHA FEN



Coordenação de Graduação

#OrgulhoFEN

Nova gestão: planos e perspectivas



Prof. Silvana



Prof. Nilza

A nova gestão da graduação da FEN inicia seus trabalhos com o compromisso de fortalecer a qualidade do ensino e o cuidado com os estudantes ao longo de seu percurso formativo. Entre as prioridades, destaca-se a construção de projetos de ensino voltados aos estudantes com baixo rendimento acadêmico, com atenção especial a públicos historicamente sub-representados, como estudantes quilombolas, indígenas e neurodivergentes, buscando promover condições reais de inclusão e permanência na Universidade.

Essa gestão também reafirma o compromisso de dar continuidade e consolidar o excelente trabalho desenvolvido pela gestão anterior, valorizando os avanços já conquistados e ampliando ações que fortaleçam uma formação ética, crítica e socialmente comprometida.

Mensagem de boas-vindas aos ingressantes

É com grande satisfação que damos as boas-vindas aos novos estudantes da Faculdade de Enfermagem.

Recebê-los em nossa casa é motivo de alegria e responsabilidade. A Universidade representa a continuidade da formação de vocês, não apenas para o mundo do trabalho, mas também para o exercício da cidadania e da atuação ética na sociedade.

Desejamos que encontrem aqui uma comunidade, um ambiente de aprendizado qualificado, acolhedor e comprometido com a excelência do ensino. Sejam muito bem-vindos à FEN!

Nota de Agradecimento

#OrgulhoFEN

Pelo trabalho exercido pelas professoras Karina Siqueira e Regiane Barreto à frente da Coordenação de Graduação



A Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFG) expressa seu profundo agradecimento às professoras Karina Siqueira e Regiane Barreto pelo trabalho dedicado e exemplar desempenhado à frente da Coordenação de Graduação no mandato 2022–2026.

As docentes ingressaram na gestão conduzida pelas professoras Camila

Caixeta e Natália Aredes e, ao longo do período, exerceram suas atribuições com excelência, compromisso e sensibilidade, sempre pautadas pela qualidade do ensino, pelo fortalecimento do curso e pelo acolhimento aos estudantes da graduação em Enfermagem.

Os marcos significativos dessa gestão foram a redução da retenção do curso de graduação em Enfermagem, aumento do índice de sucesso na graduação com as diplomações e a aprovação e implementação do novo Projeto Pedagógico de Curso (PPC), alinhado às novas realidades e demandas da formação em Enfermagem, reafirmando o compromisso da FEN/UFG com uma educação pública, crítica e socialmente referenciada.

Na nova gestão 2026–2029 da Faculdade de Enfermagem, conduzida pela professora Heliny Carneiro e pelo professor Hélio Galdino, a Coordenação de Graduação passa a ser assumida pelas professoras Silvana Vieira e Nilza Almeida, a quem a FEN/UFG deseja pleno sucesso no exercício das atividades, com uma trajetória marcada por conquistas, diálogo e fortalecimento contínuo do curso.

A FEN agradece, mais uma vez, às professoras Karina Siqueira e Regiane Barreto pela valiosa contribuição institucional e deseja êxito às novas coordenadoras nesta importante missão.

Coordenação AmbPIS

#OrgulhoFEN

Retorno dos atendimentos à comunidade

O AmbPIS está de volta com os cuidados que você já conhece!

Iniciamos nosso cronograma de atendimentos para 2026. Algumas práticas estão em pleno funcionamento, enquanto outras retornam gradualmente nas próximas semanas.

[Saiba mais.](#)



O que você vai encontrar no AmbPIS em 2026?

AYURVEDA REIKI AURICULOTERAPIA ACUPUNTURA FLORAIS DE BACH

Atendimentos já disponíveis!

ABENAR AMBIPIS FEN UFG

#ParaSempreFEN

#OrgulhoFEN

Claci Fátima Weirich Rosso se despede da FEN/UFG

Professora deixa legado de gestão, ciência e compromisso com o SUS



No dia 27 de fevereiro, a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFG) realizou reunião do Conselho Diretor para o planejamento pedagógico da unidade. Na ocasião, a data também foi marcada por uma homenagem de despedida à Profa. Dra. Claci Fátima Weirich Rosso, reconhecendo sua trajetória e contribuição histórica à instituição. Após quase três décadas dedicadas à FEN, a docente se despede neste ano (2026), encerrando um ciclo marcado por pioneirismo, firme defesa da saúde pública e uma trajetória profundamente entrelaçada à história recente do Sistema Único de Saúde (SUS) e da própria faculdade.

Vinda do Paraná, Claci chegou a Goiás movida pelo desejo de ensinar e de atuar na saúde pública. Formada em 1985, antes mesmo da criação do

SUS, ela acompanhou de perto a transição das Ações Integradas de Saúde (AIS) ao Sistema Único Descentralizado de Saúde (SUDS) e, posteriormente, à consolidação do SUS nos anos 1990. Essa vivência histórica moldou sua atuação acadêmica e política. “Cuidar vai muito além do hospital. É olhar para o ambiente onde a pessoa vive, compreender sua realidade e atuar na prevenção”, afirmou a professora.



[Saiba mais.](#)

Minha História na FEN

#FENMemória



Douglas José Nogueira

Somos a soma total das nossas experiências até determinado momento, e esse momento está sempre mudando.”

Douglas é daqueles professores cuja história se confunde com a da própria Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFMG). Ingressou na graduação em 1991, formou-se enfermeiro em 1996 e, anos depois, retornou como docente. Mestre em Biologia, com pesquisa na área de neuroanatomia do comportamento, e doutor com atuação voltada à saúde mental, construiu uma trajetória marcada pelo ensino, pela extensão e pelo cuidado atento às pessoas.

Com passagem pela Universidade de

Brasília (UnB) e pela então Universidade Federal de Jataí (UFJ), voltou à FEN em 2013 para atuar na área de saúde mental e enfermagem psiquiátrica. Desde então, além da sala de aula, dedica-se a projetos de promoção da saúde mental e ao acompanhamento de estudantes em momentos de vulnerabilidade.

Ele comenta que a frase que traduz bem seu percurso é: “Eu gosto de pensar que nós somos a soma total das nossas experiências até determinado momento, e esse momento está sempre mudando.” São essas experiências que a FEN e a vida acadêmica proporcionam que têm o poder de nos transformar e nos impulsionar a seguir adiante”

Professor, antes de nos introduzirmos em sua trajetória acadêmica e profissional na enfermagem, nos conte um pouco mais sobre sua caminhada até o encontro com a profissão?

Nasci em Quirinópolis, uma cidade do interior de Goiás. Sou o caçula de três irmãos, filho de uma mãe paulista, que sempre trabalhou em casa, e de um pai goiano, operador de máquinas. Viemos de uma família muito simples. Meu pai passava muito tempo fora, trabalhando, e minha mãe ficava conosco, e uma coisa que ela nunca abriu mão, foi do estudo. Ela sempre dizia: “Você vai estudar, sim!”, e assim foi. Quando terminei o segundo grau, na década de 1980, descobri que existia essa tal de faculdade. Em cidade pequena, naquela época, quase não havia informação. Antes mesmo de vir para Goiânia, acabei seguindo outro

caminho: fui morar em outro estado, onde meu pai estava trabalhando com garimpo, e virei garimpeiro por um tempo.

Depois decidi vir para Goiânia fazer cursinho. Durante esse período, fiquei dividido entre enfermagem e medicina veterinária. Mas, vindo de uma família com poucas condições financeiras, entendi que a enfermagem me daria mais chances de empregabilidade. Eu precisava me formar e, se possível, já estar trabalhando antes mesmo de concluir o curso. O cenário não era fácil, então essa decisão foi muito consciente. E deu certo.

Você se formou enfermeiro pela própria FEN/UFG. Como foi sua experiência como estudante e o que mais marcou sua trajetória naquele período?

Eu entrei na FEN/UFG em 1991. O prédio era novíssimo e acredito que fomos uma das primeiras turmas a ocupá-lo. Foi ali que minha vida acadêmica realmente começou. O que mais marcou minha trajetória como estudante foi o encantamento pela anatomia humana. Antes mesmo de chegar à UFG eu já tinha curiosidade, mas no curso esse interesse se transformou em paixão. A possibilidade de estudar o corpo humano me fascinava. Fui monitor da disciplina por quase três anos e, ainda durante a graduação, passei em um concurso público federal na área de anatomia e necropsia para trabalhar com anatomia humana. Isso foi decisivo na minha caminhada.

A anatomia acabou estruturando

minha trajetória. Embora eu tivesse interesse por outras áreas da enfermagem, foi essa disciplina, que faz parte do ciclo básico, que me fez vislumbrar a docência. Isso é interessante porque são poucos os enfermeiros que seguem para a área básica. A maioria busca especializações, mestrado e doutorado em áreas mais aplicadas. Eu fiz um caminho diferente, movido por um interesse muito genuíno.

Também fui profundamente influenciado por duas professoras, especialmente a professora Onerzan Luz de Abreu, enfermeira, que foi fundamental para despertar em mim o desejo de ensinar. Ela tinha uma visão de futuro muito avançada para a época, e isso me marcou profundamente.

Em que momento o senhor percebeu que gostaria de seguir a carreira acadêmica e se tornar professor? Houve algum acontecimento ou inspiração específica?

Duas professoras foram decisivas nesse processo. A professora Onerzan Luz de Abreu me inspirou desde o início. Ela me incentivou a ser monitor e tinha uma visão muito à frente do tempo. Naquela época, existiam pouquíssimos cursos de enfermagem no Estado, e ela dizia que novas universidades surgiriam e que eu estaria preparado para ser professor de anatomia. Foi algo realmente visionário.

A professora Jussara Ferreira Rocha também foi fundamental, principalmente por despertar em

mim o olhar para a pesquisa na área de morfologia. Enquanto a professora Onerzan me influenciou mais no campo do ensino, a professora Jussara ampliou minha compreensão sobre investigação científica.

Outras referências importantes foram as professoras Maria Alves Barbosa e Milca Severino Pereira. Na época, elas eram as únicas enfermeiras doutoras da FEN, o que mostra como o cenário era diferente. Ver aquelas mulheres com uma formação tão sólida me fez pensar que eu queria caminhar naquela direção.

Desde 2013 como docente da FEN, como você descreve sua trajetória dentro da Faculdade de Enfermagem e quais momentos considera mais significativos?

Em 2013, eu estava na UnB, mas minha família já morava em Goiânia. Foi quando o professor Marcelo Medeiros, então diretor da FEN, me fez o convite para vir para a UFG. Surgiu uma permuta com a professora Ana Cláudia Valadares, que foi para a UnB, e eu vim para a FEN. Para mim, foi uma decisão muito desejada, porque o interesse de retornar era enorme.

Iniciei o doutorado em 2014, concluindo em 2018. Esse período foi extremamente marcante. Conciliar as atividades docentes com o doutorado foi um grande desafio, mas também um tempo de muito crescimento. Tive a orientação da professora Maria Alves Barbosa e contei com o apoio fundamental da

professora Ruth Minamisava, além das professoras Virgínia Visconde Brasil, Sheila Araújo Teles, Sandra Maria Brunini, Anaclara Ferreira Veiga Tipple, Elizabeth Esperidião Cardozo, Camila Cardoso Caixeta e Jacqueline Andréia Bernardes Leão Cordeiro. Sou muito grato a todas elas, porque foram essenciais nesse processo.

Ao chegar à FEN, passei a atuar diretamente na área de saúde mental e psiquiatria, que já era minha área de atuação. Por ser uma área muito sensível, acabei sendo bastante procurado em situações de sofrimento e vulnerabilidade, tanto de estudantes quanto de colegas. Isso também marcou profundamente minha trajetória, porque ampliou meu papel dentro da FEN para além da sala de aula, aproximando-me das questões humanas e institucionais que atravessam a vida acadêmica.

Sua atuação está fortemente ligada à área de saúde mental e enfermagem psiquiátrica. O que motivou seu interesse por essa área e o que ela representa para o senhor?

Meu interesse pela saúde mental começou de forma muito concreta, no meu primeiro emprego na área hospitalar, no “Batuíra”, atual Instituto de Saúde Mental Batuíra, aqui em Goiânia. Eu já estava no mestrado, na área de morfologia, quando comecei a trabalhar como enfermeiro responsável pela equipe. Foi nesse contexto assistencial que me encantei pela área. Percebi que poderia aproximar minha formação

acadêmica daquela prática, então mudei o direcionamento do mestrado. Sou mestre em Biologia pelo Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Goiás, e minha pesquisa passou a dialogar com a psiquiatria, na área de neuroanatomia do comportamento, estudando pacientes com neurosífilis, sob orientação do professor Leonardo Ferreira Caixeta, da Faculdade de Medicina. Entre 2002 e 2004, durante o mestrado, eu me aproximei de vez da saúde mental, algo que até então não fazia parte dos meus planos.

Continuei lecionando anatomia por um tempo, mas, a partir de 2009, quando fui para Jataí, passei a atuar mais diretamente na saúde mental, comecei a acompanhar aulas práticas e estágios no Centro de Atenção Psicossocial do município, e mantive essa atuação também na UnB. Quando cheguei à FEN, em 2013, já vim para assumir a área de saúde mental e psiquiatria, e ali tive a certeza de que era nesse campo que eu queria investir. Meu doutorado também teve forte relação com essa área.

Dentro da FEN, uma experiência tão marcante quanto o doutorado foi assumir a Coordenação de Assuntos Estudantis (CAE), a convite da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Trabalhei inicialmente com a técnica administrativa Jaqueline Evangelista da Costa Bezerra e, depois, com a professora Karina Suzuki.

Essa vivência me marcou profundamente porque trabalhar

com alunos em sofrimento é algo que exige escuta, sensibilidade e responsabilidade. Muitas vezes, o que o estudante vive não está relacionado apenas à Faculdade, mas à própria vida. Nosso papel sempre foi ouvir, compreender, tentar resolver o que fosse possível internamente e, quando necessário, buscar apoio em outras instâncias. Eu acredito que esse tipo de atuação realmente pode influenciar destinos, porque, em determinados momentos, o que o aluno mais precisa é ser acolhido e escutado.

Além do ensino, você também atua em projetos de pesquisa, extensão e no apoio aos estudantes. Como essas diferentes funções contribuem para sua visão sobre a formação em enfermagem?

Eu vejo a saúde mental como uma área transversal, maior do que uma disciplina isolada. Quando falamos de saúde mental, transtornos ou sofrimento psíquico, estamos falando de algo que atravessa todos os espaços, dentro e fora da universidade. Ao longo dos anos, percebi um aumento muito significativo do interesse das pessoas por essa área. O que antes ficava em segundo plano hoje ganhou centralidade. As pessoas falam mais sobre saúde mental e procuram mais apoio.

Na extensão, isso fica muito evidente. Coordenei, nos últimos anos, o projeto Bem Viver FUNAPE, voltado ao cuidado com a saúde mental dos colaboradores. Atualmente, estamos desenvolvendo um projeto com a FAGEP na mesma perspectiva,

cuidando da saúde mental dos trabalhadores. Há uma compreensão cada vez maior de que não se promove saúde mental com uma palestra isolada. É preciso programa contínuo, acompanhamento e compromisso institucional. Inclusive, a própria legislação trabalhista, por meio da Norma Regulamentadora NR1, passou a exigir das empresas programas voltados à saúde mental no ambiente de trabalho. Isso amplia nosso campo de atuação e fortalece os projetos de extensão, além de envolver os estudantes nessas iniciativas.

No ensino, atuamos em duas disciplinas que considero fundamentais: Saúde Mental, com foco no cuidado, e Enfermagem Psiquiátrica, que aborda os transtornos, mas também o cuidado. Essas disciplinas sensibilizam o aluno e o capacitam a lidar não apenas com transtornos diagnosticados, mas com diferentes formas de sofrimento que exigem escuta e intervenção qualificada.

Na pesquisa, reconheço que ainda temos um número menor de docentes atuando especificamente na área, mas isso não diminui sua importância. Eu, particularmente, me identifico mais com o ensino e a extensão, mas tivemos e temos nomes muito relevantes na pesquisa em saúde mental na FEN, como as professoras Elizabeth Esperidião, Denize Munari e Camila Caixeta. São referências que ajudaram a consolidar essa área dentro da instituição.

Para mim, transitar entre ensino, extensão e apoio aos estudantes amplia minha compreensão sobre a formação em enfermagem, porque mostra que cuidar da saúde mental não é algo pontual, é um compromisso permanente com as pessoas e com a realidade em que estamos inseridos.

Olhando para sua trajetória como estudante e agora como professor, o que a FEN/UFG representa em sua história pessoal e profissional?

Eu me afastei por um período curto, mas a FEN sempre esteve presente na minha vida, não apenas pela minha graduação e pelo doutorado, mas também por sempre manter as portas abertas aos egressos. Isso ficou ainda mais evidente com o fortalecimento da pós-graduação.

Eu vejo a FEN como o espaço onde construímos ensino, pesquisa e extensão, mas também construímos amizades duradouras e parcerias para a vida. É um lugar que nos permite conviver com as novas gerações, aprender com elas e nos reinventar constantemente. A Faculdade tem essa característica de ser um espaço aberto à construção de novos sentidos.

Desde 2013, muitas das oportunidades que tive estão diretamente ligadas à preocupação institucional com a formação e qualificação docente. Quando você observa um corpo docente preparado e valorizado, percebe que isso é resultado de uma gestão comprometida com as pessoas,

tanto professores quanto técnicos. Por isso, minha relação com a FEN não é apenas profissional. É também uma relação de pertencimento e de profunda gratidão por tudo o que vivi e continuo vivendo aqui.

Você Sabia?

Campanhas e datas importantes para a saúde no mês de fevereiro

Fevereiro Roxo: Lúpus, Alzheimer e Fibromialgia

Fevereiro Roxo une três condições distintas sob uma única cor porque todas elas compartilham a característica de serem doenças crônicas e, até o momento, incuráveis. O lema da campanha é "se não houver cura, que pelo menos haja conforto". A curiosidade aqui é que a campanha nasceu de forma lúdica e educativa para conscientizar que o diagnóstico precoce é o maior aliado para retardar os sintomas, especialmente no caso do Alzheimer, onde a identificação nas fases iniciais é crucial para a qualidade de vida.

Fevereiro Laranja: Combate à Leucemia

Fevereiro Laranja foca especificamente na leucemia, um tipo de câncer que tem origem na medula óssea, onde o sangue é produzido. A cor laranja foi escolhida para simbolizar a energia e a vontade de viver dos pacientes. Um dado curioso e alarmante é que, para muitos casos, a única chance de cura é o transplante de medula, e a probabilidade de encontrar um doador compatível fora da família é de apenas 1 em 100 mil, o que torna a conscientização sobre o cadastro de doadores o coração desta campanha.

15 de Fevereiro: Dia Internacional de Combate ao Câncer Infantil

O câncer infantojuvenil é a primeira causa de morte por doença entre crianças e adolescentes no Brasil.

Diferente dos adultos, o câncer nessa faixa etária não está relacionado a fatores ambientais ou estilo de vida, sendo predominantemente de natureza genética. A data de 15 de fevereiro foi criada pela Childhood Cancer International (CCI) para alertar que, quando diagnosticado cedo, as chances de cura podem chegar a 80%, um índice muito superior ao de décadas atrás.

20 de Fevereiro: Dia Nacional de Combate ao Alcoolismo

O alcoolismo é reconhecido como doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1967. A data de 20 de fevereiro existe para lembrar que o consumo excessivo de álcool está ligado a mais de 200 doenças e lesões. Um fato curioso é que o Brasil é um dos países com maior consumo per capita de álcool na América Latina, e a data serve para reforçar que a dependência química não é uma falha de caráter, mas uma patologia que requer tratamento multidisciplinar e suporte social.

#TBTdaFEN

Faculdade de Enfermagem realiza cerimônia de aula inaugural do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica (CEEEO) - Rede Alyne



A Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFG) realizou, na tarde de 5 de dezembro de 2025, a cerimônia de aula inaugural do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica (CEEEO) - Rede Alyne. Iniciativa financiada pelo Ministério da Saúde (SGTES) ofertada em todo o país. A UFG é polo regional do curso, que integra um projeto nacional, coordenado pela Profa. Kleyde Ventura (UFMG), de formação voltado ao fortalecimento da assistência obstétrica qualificada.

Com duração de 16 meses e carga horária total de 720 horas, a especialização é totalmente gratuita, sem cobrança de taxa de inscrição ou mensalidade. Em todo o Brasil, estão sendo ofertadas 750 vagas distribuídas em 38 sedes vinculadas a Instituições de Ensino Superior. Na UFG, a formação é realizada em parceria entre a Escola de Pós-Graduação e a Faculdade de Enfermagem.

Saiba mais.

Participação da Faculdade de Enfermagem no 75º Congresso Brasileiro de Enfermagem

Realizado entre os dias 23 e 26 de novembro de 2025, em Porto Alegre (RS), o evento contou com participação ativa de docentes e estudantes, além da apresentação de trabalhos científicos que evidenciam a produção acadêmica e o compromisso institucional com o fortalecimento da Enfermagem brasileira.

Promovido pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), o evento

reuniu milhares de profissionais, estudantes e pesquisadoras(es) de todo o país e do exterior, consolidando-se como um dos principais espaços de debate científico, político e social da Enfermagem. Nesta edição histórica, o congresso teve como tema central “Enfermagem e os desafios políticos, ambientais e sanitários”, dialogando com os principais dilemas contemporâneos da saúde e da formação profissional.

[Saiba mais.](#)



Comunidade da FEN e PPGENFS participou de congresso nacional sobre Saúde Coletiva



A Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFG) participou do 14º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva (Abrascão 2025), realizado

em Brasília (DF), entre 28 de novembro e 3 de dezembro. Com o tema “Democracia, equidade e justiça climática: a saúde e o enfrentamento dos desafios do século XXI”, o encontro reuniu mais de 12 mil pessoas, consolidando-se como um dos principais espaços da América Latina dedicados ao fortalecimento da saúde coletiva e do Sistema Único de Saúde (SUS).

Promovido pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o evento contou com a presença de docentes e discentes da FEN em mesas-redondas, apresentações científicas e debates, reforçando o compromisso da unidade com uma formação crítica, produção de conhecimento qualificado e defesa do SUS como bem público essencial.

[Saiba mais.](#)

Fique Ligado(a)

Confira os cursos de especialização da Faculdade de Enfermagem com inscrições abertas

Clique nas imagens e saiba mais.



Aniversariantes do mês

#OrgulhoFEN

Fevereiro

04/02 Coordenadora
Administrativa
Mislene Gomes



11/02 Professor
Marcos Matos



13/02 Professora
Roxana Gonzales



Equipe Editorial:
Eduardo Almeida
Jayme Leno

Comissão de Comunicação da
Faculdade de Enfermagem da
Universidade Federal de Goiás

(62) 99656-7033
comunica.fen@ufg.br

FEN
FACULDADE DE
ENFERMAGEM



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS